

Terâmenes nas *Helênicas* de Xenofonte

Theramenes in Xenophon's *Hellenika*

LUCIA SANO¹ (*Universidade Federal de S. Paulo — Brasil*)

Abstract: Theramenes is a pivotal figure in the *Hellenika*, on account of his involvement in the condemnation of the Battle of Arginusae and his role as part of the Thirty Tyrants. In this article, we address the possibility of regarding Xenophon as an "inside critic" of Athenian democracy and propose a non-episodic reading, seeking to examine Theramenes as a politician of great influence within the dictates of the democratic structure, albeit being committed to dismantling it, and as a paradigm of the tyrant's friend.

Keywords: Xenophon; *Hellenika*; Democracy; Theramenes; Athens.

Uma das personagens mais controversas da história ateniense, sendo tanto um dos principais idealizadores do golpe oligárquico de 411 a. C. quanto um dos opositores que agem para lhe dar um fim, Terâmenes é peça importante dos dois primeiros livros das *Helênicas* de Xenofonte em razão, principalmente, de seu envolvimento na condenação à morte dos generais da Batalha das Arginusas em 406 a. C. e de sua atuação como parte dos chamados Trinta Tiranos, grupo dentro do qual ele acaba por fim se tornando voz dissidente, do que veio a resultar sua execução em 404 a. C.

A representação que Xenofonte faz das suas ações nos últimos anos da Guerra do Peloponeso e durante o governo dos Trinta Tiranos tem algumas particularidades que este artigo visa a discutir. Se na *Constituição dos Atenienses* encontramos um relato bastante simpático a Terâmenes e o reverso pode ser observado em dois discursos de Lísias (12 e 13), nas *Helênicas* ele é, à primeira vista pelo menos, tanto um exemplo de vilania quanto de virtude. Menos bem-sucedido do que nas tramas relatadas por Tucídides, em ambos os episódios o Terâmenes de Xenofonte coloca em movimento ações sobre as

Texto recebido em 28.09.2020 e aceite para publicação em 30.01.2021. Este artigo é parte do projeto de pesquisa "Crises (staseis) e mudanças (metabolai): a democracia ateniense na contemporaneidade", financiado conjuntamente pela Capes-Brasil e FCT-Portugal (2019-2021). Gostaria de agradecer aos colegas do projeto e aos membros do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, em especial a Breno Sebastiani, Delfim Leão e Martinho Martins Soares.

¹ lucia.sano@unifesp.br.

quais posteriormente perde o controle e que têm consequências nefastas para a cidade.

Xenofonte e a democracia ateniense

Há uma longa tradição, iniciada ainda pelos que viveram sob o regime em Atenas, de detratores da democracia². Dentre esses, por muito tempo e com convicção a crítica elencou Xenofonte³, justificando-se muitas vezes por uma trajetória biográfica vista como “filolacônica”. Esse entendimento sobre sua adesão à oligarquia Esparta, porém, está se tornando nuançado a partir da percepção de uma relação mais crítica do autor com a cidade e sua constituição⁴. Além disso, são meras conjecturas que levaram parte dos especialistas a argumentar que seu apoio às facções oligárquicas em Atenas teria resultado em atuação na cavalaria que atuou sob os Trinta Tiranos⁵. Mesmo assim, ainda hoje as supostas biografia e convicções políticas de Xenofonte servem como recurso extradiegético para embasar interpretações de certas particularidades da sua narrativa. À guisa de exemplo, a ideia de que o autor manipula o relato de eventos históricos, ao acentuar o caráter arbitrário e violento dos Trinta no segundo livro das *Helênicas* com a intenção de se beneficiar de alguma forma, é uma que perdura e tem ganhado novos contornos, embalada pelo recente processo revisionista⁶ por meio do qual se tem procurado estabelecer que os Tiranos teriam tido, ao menos de início, alguma seriedade em seu projeto de reformar a constituição da cidade e que Xenofonte enfatizaria um retrato negativo de Crítias por motivos pessoais⁷.

² Cf. RANCIERE (2014, original de 2005) e SAMMONS (2004).

³ Um entendimento que se estabelece principalmente a partir de LUCCIONI (1947).

⁴ Cf. HUMBLE (1999) e (2018).

⁵ Essa é uma hipótese do fim do século XIX e que ainda tem adeptos; cf. BEVILACQUA (2018) 472. Para os indícios que levaram alguns pesquisadores a essa conclusão, cf. DELEBECQUE (1957) 61–64. A representação da cavalaria sob comando dos Trinta é ambígua; embora ela tenha apoiado o golpe, também há registro de que parte dos cavaleiros teria desertado para a resistência democrata (Diod. 24.33.4 e *Hell.* 2.4.25).

⁶ Cf. OSBORNE (2003).

⁷ POWNALL (2012) sugere, como já se fez outras vezes, que Xenofonte desejava distanciar a ala dos oligarcas moderados dos crimes cometidos pelos tiranos, pelo fato de

Nos últimos anos, porém, a obra de Xenofonte também tem sido reinterpretada por alguns estudiosos que consideram diversas passagens como reveladoras de que o autor teria sido simpático a⁸, ou ao menos não um adversário, da democracia⁹. Ainda que a democracia dos últimos anos da Guerra do Peloponeso não receba de Xenofonte tratamento muito deferente, já que o narrador das *Helênicas* ressalta a atuação violenta do regime, sobretudo no que toca sua política externa, uma representação merecidamente crítica da Atenas dos últimos anos da Guerra do Peloponeso não nos obriga à conclusão de que Xenofonte tivesse uma postura antidemocrática. Ao analisar toda a obra xenofontiana, KROEGER (2009)¹⁰ propõe entender que, na maioria de seus textos, o autor pode ser visto como um “crítico interno” à democracia, expressando uma simpatia por ela que vai além de mera solidariedade com sua cidade nativa e que demonstra compromisso com o aprimoramento do regime¹¹.

Tal perspectiva permite, por um lado, pensar a narrativa nos dois primeiros livros das *Helênicas* sem uma concepção pré-definida sobre como os diversos atores do cenário político de Atenas seriam representados em razão da propensão supostamente oligárquica de um autor que teria procurado colaborar com a dissolução da democracia — termos nos quais tradicionalmente

ter sido ele próprio um oligarca. Já DANZIG (2014) entende que Xenofonte tinha em vista contribuir para uma imagem detratadora de Platão (que era parente de Crítias).

⁸ LEE (2017) 20 chega a afirmar sobre o autor que “de fato, os próprios escritos de Xenofonte revelam uma simpatia pela democracia que está em desacordo com o estereótipo moderno dele como um oligarca nato”. Para uma defesa recente da postura oligarca de Xenofonte, cf. BEVILLAQUA (2018) e, para bons argumentos contrários, cf. TUPLIN (2017).

⁹ Essa é uma visão que começa a se desenhar mais fortemente com a publicação de GRAY (2004). Cf. também DOBSKI (2009).

¹⁰ O autor afirma que, a partir da leitura de OBER (1998) 48-9, decidiu empregar as categorias de Mihael Walzer de crítico “imanente” e “rejeicionista” para pensar o posicionamento de Xenofonte em suas diversas obras com relação à democracia em Atenas.

¹¹ Tendo a concordar com TUPLIN (2017) que Xenofonte está mais interessado em liderança do que em regimes políticos e que, nesse sentido, a destituição da democracia em Atenas não seria vista como imperativa. Na *Cirópédia*, Ciro, no comando do exército, fornece aos homens persas do povo condições iguais aos dos aristocratas; o caso de Feraulas, homem do povo que ascende ao mais alto grau de confiança de Ciro certamente não é gratuito. Cf. GRAY (2004) 171.

foi pensada a obra de Xenofonte¹². Por outro lado, ela torna também possível aos democratas de hoje voltar-se para as *Helênicas*, como tão frequentemente se faz com Tucídides, para refletir sobre problemas que talvez sejam inerentes ao regime ou que ao menos ainda se apresentam como desafios para os quais é possível encontrar paralelos na história da democracia ateniense¹³. Nesse sentido, nos interessa menos a posição política do próprio Xenofonte, mas o que podemos depreender da sua narrativa sobre a política ateniense nos últimos anos da Guerra do Peloponeso e no momento imediatamente posterior a ela.

O problema de Terâmenes nas *Helênicas*

As *Helênicas* não são uma obra de fácil interpretação, começando pelo conhecido problema da falta de um próêmio que apresente os seus objetivos, mas o cerne da dificuldade está principalmente no próprio estilo xenofontiano que, louvado desde a Antiguidade pela sua clareza e simplicidade, é ao mesmo tempo bastante complexo. Como explica FLOWER¹⁴, ele “compele o leitor a tomar parte de modo ativo na construção não apenas do sentido (por que as coisas acontecem como aconteceram e quais são as lições?), mas também do caráter (que tipo de pessoas são os atores envolvidos nos eventos e em que medida suas ações são apropriadas sob determinadas circunstâncias?)”

O caráter de Terâmenes nas *Helênicas*, em um exemplo daquilo que afirma Flower acima, não é de fácil juízo para o leitor, sendo a representação do personagem negativa tanto no episódio do julgamento dos generais que participaram da batalha das Arginusas quanto na negociação da rendição de

¹² FLOWER (2015) 119, analisando a representação positiva do persa Farnábazo e negativa do espartano Arquedamos nas *Helênicas*: “the danger of autobiographically determined reading of texts is present here as nearly everywhere else in interpreting both the *Anabasis* and the *Hellenica*”.

¹³ Ainda que a antiga democracia ateniense possa nos abrir caminho para reflexão acerca das nossas próprias práticas políticas, é sempre salutar lembrar que ela já não pode ser idealizada como exemplo de liberdade e igualdade. Como afirma BALOT (2006) 51-52: “modern democracies have progressed beyond the inequalities and abuses of human dignity that were characteristic of the ancient world. We are not slave-holders; modern democrats are repelled by the idea of excluding women from politics; we are attracted by political and cultural pluralism; we have reduced the role of luck in human life in ways that were unimaginable to the ancients”.

¹⁴ (2015) 112.

Atenas aos espartanos no fim da Guerra do Peloponeso, mas bastante mais positiva quando ele passa a se opor a Crítias na liderança dos Trinta Tiranos.

É comum que se justifique essa alteração por um problema de datação: existem antigas hipóteses de que a parte das *Helênicas* que vai até o fim da Guerra do Peloponeso foi composta em um momento e que o autor só teria retomado a narrativa décadas depois, tendo havido nesse hiato uma forte reabilitação da figura de Terâmenes em Atenas¹⁵ que resultaria na sua representação junto aos Trinta na obra de Xenofonte como um “oligarca moderado”, um retrato mais reconhecível na *Constituição dos Atenienses*.¹⁶ Acredito, porém, que uma leitura que desconsidere a questão do hiato da narrativa é tanto possível (porque é a que geralmente fazemos ao ler o texto continuamente) quanto interessante, por conceder a Terâmenes complexidade numa situação política intrincada, em um papel que está entre o do mero oportunista e o do firme legalista.

Com frequência se afirma que, no seu embate com Crítias, Terâmenes simboliza um ideal que seria o do próprio Xenofonte, ou seja, o de uma oligarquia moderada e justa, que não se confundiria com uma tirania, e que sua atuação nesse episódio seria completamente reabilitadora¹⁷. Muitas das propostas de interpretação das *Helênicas* são como a de GRAY (1989), que isola os diferentes eventos de que Terâmenes participa e entende que Xenofonte prioriza em geral a composição de estruturas narrativas episódicas e paradigmáticas, em detrimento da acuidade histórica; nesse sentido, a função dada a Terâmenes em um episódio pouco refletiria no outro. Essa é uma leitura, sem dúvida, muito relevante para iluminar o texto das *Helênicas*, mas, se lemos a obra de forma contínua, não é possível separar o Terâmenes que influencia a decisão do povo de condenar à morte os generais da batalha de Arginusas daquele Terâmenes que vai fazer frente a Crítias na liderança dos Trinta

¹⁵ O chamado “mito de Terâmenes”. Cf. HARDING (1974) e ENGELS (1993).

¹⁶ A divisão das *Helênicas* em duas partes está baseada em questões estilísticas, principalmente no uso diferente das partículas e na composição dos discursos. A datação e o trecho exato da narrativa onde essa quebra ocorreria são questões eternas; recentemente a hipótese da unicidade da composição ganhou mais adeptos. Cf. THOMAS (2010) e PINTO (2014) 22-23.

¹⁷ Cf. por exemplo, GRAY (1989) 97 e (1995) 162.

Tiranos depois — as duas representações compõem um único personagem no interior da obra e a segunda não é inteiramente abonadora e guarda importantes semelhanças com a primeira.

O julgamento dos generais da Batalha das Arginusas

Antes de passar à discussão das *Helênicas*, relembro muito brevemente que o envolvimento de Terâmenes no golpe oligárquico de 411 e, posteriormente, na sua dissolução, é narrado por Tucídides de forma a caracterizá-lo como homem que põe à frente seus interesses pessoais, acima das suas convicções políticas. O narrador da *História da Guerra do Peloponeso*, quando da instituição do governo dos 400, apresenta-o assim (8.68.4): *Terâmenes, filho de Hagnão, era um dos líderes daqueles que viriam a dissolver a democracia, homem não inábil em fala e em raciocínio.*

Percebendo, em determinado ponto, que o regime oligárquico estava com os dias contados em razão da crescente oposição popular e da força de Alcibíades em Samos, ele, entre outros oligarcas — Tucídides nomeia, além dele, apenas Aristócrates —, por ambições pessoais (*κατ' ἰδίαν δὲ φιλοτιμίας*) “passou a lutar para tornar-se um líder do *demos*” (8.89.2-4). Em determinado ponto, Terâmenes assumiu uma das frentes da resistência ao regime e passou a incitar os hoplitas do Pireu a demolir a fortaleza que os oligarcas haviam construído com o duplo propósito de se proteger do povo e de dar guarida aos espartanos, se Atenas viesse a ser tomada (8.93). Esse movimento de “virar-a-casaca” de Terâmenes ecoará também na narrativa de Xenofonte.

No final do capítulo 6 do primeiro livro das *Helênicas*, é feito o relato daquilo que levou os vitoriosos generais da batalha das Arginusas a julgamento em Atenas. Uma vez encerrado o confronto, os oito generais haviam determinado que os trierarcas Terâmenes e Trasíbulo deveriam socorrer as naus que haviam sido danificadas durante a batalha. Uma tempestade, porém, os teria impedido de cumprir a determinação. Assim, apesar do êxito no embate, os atenienses acabaram por perder em Arginusas 25 naus com homens (1.6.34). Nesse momento, o narrador afirma a impossibilidade do resgate como um fato.

A notícia da morte dos naufragos causou grande comoção em Atenas. Diante dessas circunstâncias, somente seis dos oito generais efetivamente re-

tornaram à cidade¹⁸. Na sequência, afirma-se que certo Arquedemos acusou no tribunal um deles de manter para si verba pública e por sua atuação como general, o que resultou na sua prisão. Depois disso, os demais cinco foram convocados a falar ao Conselho a respeito da batalha e da tempestade (1.7.3). Encerrada a audiência, decidiu-se que os generais seriam presos e julgados pelo povo. Em seguida, houve uma assembleia na qual os generais sofreram acusações de Terâmenes; nela, foram vários os testemunhos favoráveis aos generais (1.7.7) e eles quase foram inocentados, uma informação importante porque revela que a primeira disposição do *demos* era correta. A assembleia acabou se encerrando sem chegar a nenhuma deliberação porque anoiteceu. Por causa disso, o Conselho ficou encarregado de determinar como ocorreria o julgamento. É importante notar aqui que Terâmenes, de acordo com Xenofonte, quando observou o funcionamento das instituições democráticas, sem se valer de subterfúgios, falhou na sua intenção de persuadir o povo da culpa dos generais.

É no ínterim entre essa primeira assembleia e a reunião do Conselho que a atuação de Terâmenes pode ser considerada infame (1.7.8):

Depois disso, aconteceu o festival das Apatúrias, no qual pais e seus parentes se reúnem uns com os outros. Então, os homens de Terâmenes arranjaram várias pessoas vestidas com túnicas pretas e com os cabelos cortados bem rentes nesse festival, para que se dirigissem até a assembleia como se fossem parentes dos falecidos, e convenceram Calixeno a apresentar uma acusação no Conselho contra os generais.

Pela narrativa de Xenofonte, pode-se entender que são essas duas ações organizadas por Terâmenes que deram início a uma mudança na disposição do povo com relação aos generais, uma alteração tão decisiva que o levou à decisão de executá-los. Depois que o Conselho se reuniu, apresentou-se em assembleia a sua decisão de acatar a proposta de Calixeno, segundo a qual duas urnas seriam dispostas para que o *demos* votasse pela execução ou não dos generais, sem lhes conceder tempo para defesa, uma vez que se entendeu que eles já haviam recebido essa chance durante a assembleia anterior. É nesse ponto que Xenofonte faz pela primeira vez na narrativa o registro de um discurso longo, o de Euríptólemo (1.7.16-33), que é organizado em torno

¹⁸ Não retornam Protomacos e Aristógenes. Voltam a Atenas Péricles, Diomedonte, Lísias, Aristócrates, Trásilo e Erasinides (1.7.1).

da ideia da obediência às leis e busca persuadir o povo de que os generais deveriam ser julgados individualmente e em momento posterior. Por fim, pressionados pelo *demos* a manter a proposta inicial, os prítanes permitiram que os generais fossem julgados imediata e conjuntamente (1.7.34). Como se sabe, os atenienses vieram a se arrepender de terem votado pela pena capital muito pouco tempo depois e decidiram processar aqueles que haviam, nessa ocasião, enganado o povo (1.7.35, τὸν δῆμον ἐξηπάτησαν). Foram presos, sob essa acusação, Calixeno e outros quatro homens, cujos nomes não se registra. Tendo conseguido escapar da prisão, Xenofonte diz que Calixeno retornou a Atenas no ano seguinte, mas morreu de fome por ser odiado por todos.

Em outra ocasião¹⁹, já defendi que o efeito principal da narrativa de Xenofonte é o de destacar a consequência típica de uma decisão tomada sob influência das emoções, i. e. a narrativa é organizada para enfatizar não a raiva do povo e o ato de injustiça contra os generais, mas o remorso que os atenienses passam a sentir e ao qual buscaram responder. O foco da narrativa xenofontiana, desse modo, não seria em uma ação descontrolada, mas na crítica a um método comum de acusação, que instigava a raiva (*orge*) daqueles com poder de decidir²⁰. Essa raiva deve ser, nesse sentido, entendida como atenuante da decisão errônea tomada pelo povo “no calor da hora”²¹, assim como é um atenuante da sua má decisão o grande remorso que o abate na sequência.

Por essa razão, parece-me que o retrato que Xenofonte faz do povo nesse episódio é bastante menos negativo do que poderia ser, ainda que o julgamento dos generais seja com frequência usado como exemplo notório do descontrole e da tirania do povo ateniense enquanto seu próprio governante²². Ora, uma análise em comparação com o relato do mesmo episódio feito por Diodoro Sículo (13.101.3) parece corroborar essa ideia, já que Diodoro não registra uma

¹⁹ SANO (2018).

²⁰ Cf. ALLEN (2003).

²¹ Cf. Pl., *Leg.* 866d-e. Para discussão da passagem, cf. SAUNDERS (1994) 225-226; HARRIS (2004) 193ss.

²² Uma investigação sobre a tensão entre o *demos* e os generais, que ajudaria a entender o comportamento do povo nesse julgamento, é feita por ASMONTI (2006). Tenho ressalvas à análise de GISH (2012), que procura demonstrar que o processo ocorreu de forma legal e refletida.

atuação direta de Terâmenes na manipulação das emoções do *demos*, mas apenas que os generais perderam a oportunidade de tê-lo ao seu lado, bem como seus muitos aliados — oradores bastante hábeis — e que, ao contrário, acabaram por ganhá-los como adversários²³. Diodoro, além disso, claramente responsabiliza o povo pela execução dos generais e relaciona a sua má decisão com a ascensão do reino de terror dos Trinta, ao afirmar que o regime foi uma punição que aqueles que haviam se deixado enganar receberam pelo seu erro (13.103.1). Já a reprovação do narrador xenofontiano recai mais sobre os que instigaram a condenação dos generais ao manipular suas emoções.

Embora estejam relatados por Xenofonte tanto o modo como a atuação de Terâmenes influenciou na execução dos generais e a resposta que o *demos* procurou dar à percepção tardia de que havia sido ludibriado, nem por isso ele desapareceu do cenário político de Atenas, ressurgindo na narrativa como embaixador responsável por negociar as condições de paz com Esparta — embora Lísias (13.10) também registre que, eleito para o cargo de general em 405 a. C., ele não fora aprovado na *dokimasia*, um possível reflexo de sua influência no julgamento dos generais²⁴. Podemos entender, como já se sugeriu²⁵, que não era intenção de Terâmenes condená-los à morte, como ele próprio afirmará no seu discurso de defesa no livro 2, uma vez que antes de 406 a. C. nenhum general ateniense havia recebido a pena capital por incompetência no comando militar; apenas Alcibiades, julgado *in absentia* em 415 a.C., havia sido condenado por acusações de outra natureza e ele voltou a comandar uma armada e retornou à cidade algum tempo depois²⁶. A partir da narrativa xenofontiana, é uma possibilidade supor ainda que Calixeno tenha, em certa medida, agido sozinho; desde o momento em que ele é per-

²³ Diodoro (13.101.2) registra que, uma vez que Terâmenes e Trasíbulo haviam retornado antes para Atenas, os generais pensaram que os dois haviam indicado que a responsabilidade pela não realização do resgate dos naufragos era dos generais; eles teriam decidido, por causa disso, enviar cartas ao *demos* declarando que haviam designado à tarefa aos dois taxiarcas. Com isso, teriam perdido o apoio de Terâmenes e de seu círculo.

²⁴ Cf. ALLAN (2013). Para ocupar cargos públicos no regime democrático ateniense era preciso passar por uma espécie de sabatina, chamada de *dokimasia*, que avaliava se o escolhido estava apto a assumir a função.

²⁵ ROBERTS (1977) 109.

²⁶ PRITCHETT (1974) 5-7.

suadido a apresentar a acusação no Conselho, ele se torna a figura principal na condenação e Terâmenes e seus outros comparsas saem completamente de cena.

Como já se afirmou, a versão de Diodoro Sículo registra que Terâmenes passou a acusar os generais ao se ver ele próprio, inicialmente, acusado por eles (13.101.2-4). Esses movimentos acusatórios já foram interpretados dentro de um cenário mais amplo, em que os atores seriam representantes de suas facções (os generais, da democrática; Terâmenes, da oligárquica) e que teriam procurado se valer do processo judicial para eliminar a oposição²⁷. Porém, ainda que esse tenha sido o caso, nas *Helênicas* não estão anunciadas disputas de natureza política que possam ter sido a motivação oculta dos agentes envolvidos no julgamento e é dentro do contexto construído por Xenofonte que analisamos as ações de Terâmenes, cuja relevância está, portanto, sobretudo em ter iniciado o decurso da mudança de disposição do povo com relação aos generais, de acordo com o autor. Colocar em movimento um processo que acaba saindo do seu controle e que tem resultados nefastos para a cidade é também o que vemos Terâmenes fazer quando da instituição do governo oligárquico dos Trinta.

O fim da Guerra do Peloponeso e os Trinta Tiranos

Terâmenes tem papel importante nas *Helênicas* após o relato da derrota ateniense em Egos Pótamos, que conclui a Guerra do Peloponeso com a vitória de Esparta sobre a frota de Atenas (2.2.16). Quando os atenienses sequer aceitavam pensar na possibilidade de derrubar parte de suas muralhas — um homem foi preso apenas por fazer essa sugestão e, na sequência, um decreto foi aprovado impedindo novas propostas semelhantes (2.2.15) —, Terâmenes sugeriu à assembleia que o enviasse até Lisandro para descobrir se os espartanos queriam uma demonstração de boa fé dos atenienses com a derrubada das muralhas ou se pretendiam escravizá-los²⁸.

²⁷ Cf. BEARZOT (2013) 84ss. A autora ainda aponta que talvez Terâmenes não tenha sido um dos homens processados pelo povo por tê-lo ludibriado porque não haveria dispositivo legal que o permitisse. Cf. também SEBASTIANI E LEÃO (2020), que entendem o processo como um momento de *stásis*.

²⁸ Cf. *Hell.* 2.2.4, 2.2.10, 2.2.14.

A sugestão de Terâmenes foi aceita, mas ele então aguardou três meses entre os espartanos antes de voltar à cidade, a fim de que os atenienses, desesperados pela fome, acatassem qualquer proposta que lhes fosse apresentada. Esse retrato é coerente com o de Tucídides e com aquele feito por Xenofonte no episódio do julgamento dos generais, o de um homem que põe em primeiro lugar interesses próprios. A narrativa de Xenofonte nas *Helênicas* nesse ponto, porém, é muito mais lacunar do que gostaria o leitor moderno.

De fato, acabamos nos perguntando por que o envolvimento de Terâmenes no julgamento dos generais não resultou no fim da sua carreira política durante o regime democrático e por qual motivo o povo teria escolhido uma figura suspeita como ele para negociar seu destino junto aos inimigos em um momento tão crítico. Os estudiosos da história de Atenas buscam suplementar a segunda lacuna com outras fontes²⁹, principalmente com as orações 12 e 13 de Lísias e com o chamado “papiro de Terâmenes”³⁰. Ambas as fontes indicam que Terâmenes afirmou que teria pensado em uma estratégia para negociar as melhores condições com os espartanos, mas que não as poderia revelar ao povo, alegando que seu sigilo era em benefício dos próprios atenienses. Como bem notou BEARZOT³¹, Terâmenes estava aí golpeando mais uma vez a democracia, ao agir de forma contrária aos seus princípios fundamentais e ao promover a confusão e desinformação entre seus concidadãos, numa estratégia que se mostrou acertada porque convincente.

Ao retornar após os três desnecessários meses de estadia entre os espartanos, ele acabou ganhando “carta branca” para negociar a rendição de Atenas com outros nove embaixadores. Essa “carta branca” que ele recebeu para “salvar a cidade”, ainda que a contragosto de um grupo de opositores demoratas, custou caro para Atenas, que acatou todos os termos de rendição apresentados por Esparta, sem tentar negociá-los, por conselho de Terâmenes³².

²⁹ Sobre a primeira, cf. LEÃO e SEBASTIANI (2020).

³⁰ Sobre o papiro de Terâmenes, cf. ENGELS (1993) e LOFTUS (2000).

³¹ (2013) 99.

³² Segundo Lísias (12.68ss), Terâmenes teria alegado aos atenienses ser capaz de negociar uma rendição sem devolução de reféns, destruição das muralhas ou entrega de navios, mas que aos espartanos ofereceu derrubar os muros do Pireu e dissolver a constituição.

Em última análise, Xenofonte faz o povo ser o responsável por conceder poder ao homem que nesse momento já tinha intenção de agir para instituir a oligarquia no lugar da democracia — o apagamento, na sua narrativa, do processo de deliberação em assembleia que resultou na indicação de seu nome enfatiza que é a tola decisão do povo na escolha do seu representante, e não a habilidade discursiva de Terâmenes na apresentação das suas supostas estratégias, a responsável pela desastrosa situação em que a cidade se viu na negociação com Esparta. Isso está de acordo com a postura que Xenofonte assume na narrativa da ascensão dos Trinta a uma posição tirânica. Todas as nossas fontes sobre os Trinta dizem que eles foram apontados como junta de forma legal, mas apenas Xenofonte não coloca a instituição da *patrios politeia* como condição imposta pelos espartanos (2.2.20), dessa forma transformando os atenienses em responsáveis pelo golpe oligárquico-tirânico que a cidade veio a sofrer na mão desses homens (2.3.2)³³.

Xenofonte, por outro lado, narra o estabelecimento do governo dos Trinta Tiranos em 404 a.C. e sua escalada de violência sem nunca deixar de apontar que sua associação com Esparta assegurava o seu poder ou como eles se pautavam também pelo interesse em manter boas relações com a cidade³⁴. Inicialmente selecionados para fazer uma reforma da constituição, os trinta homens adiavam continuamente a tarefa e estabeleceram um Conselho e outras instituições de forma arbitrária, passando pouco depois a agir de forma despótica (2.3.11-13): primeiro, decidiram executar os sicofantas; depois, inimigos políticos em potencial para terem permissão “de governar como quisessem” (2.3.13) e, tendo recebido uma guarnição espartana que lhes garantia sua segurança, bem como confiscado as armas dos cidadãos (2.3.20), passaram a condenar homens por inimizade pessoal e para tomar-lhes os bens.

Nesse cenário, como analisa GRAY (1989), Xenofonte relata o fim da relação de amizade entre Terâmenes e Crítias, que o autor representa como o principal responsável pelo comportamento ganancioso e violento dos Trinta.

É necessário ponderar o contexto judicial em que essas informações sobre Terâmenes estão sendo apresentadas, no qual interessa retratá-lo do modo mais negativo possível.

³³ DILLERY (1995) 147.

³⁴ Cf. *Hell.* 2.3.13-14; 2.3.25; 2.3.34.

A oposição de Terâmenes tem início quando começam a ser executados aristocratas bem vistos por ele, mas também pelo povo (1.3.15); Crítias justifica-se afirmando que a manutenção do poder dependia da eliminação dos seus adversários. Terâmenes entendia que eles estavam fazendo “duas coisas completamente contraditórias” (2.3.19), com a instauração de um governo que era tanto violento quanto mais fraco do que os seus governados, e defendeu uma expansão da participação política, não limitada ao número de três mil homens, proposto pelos Trinta e acatado pelo Conselho. Ele também se recusou a escolher aleatoriamente um estrangeiro e executá-lo com vistas a confiscar os seus bens.

É nesse ponto que o narrador afirma que os Trinta deram início a uma campanha de difamação, que foi se espalhando de boca em boca. Essa campanha resultou na acusação, feita por Crítias, de traição. Xenofonte apresenta ao leitor, então, discursos de acusação e de defesa; esses são os primeiros longamente registrados desde a fala de Euríptólemo no episódio do julgamento dos generais. É no discurso de Crítias que Terâmenes será celebrenemente chamado de *kothornos*, em razão das mudanças do seu posicionamento político.

A maior parte dos críticos tende a ver no discurso de Terâmenes a fala de um oligarca ponderado, que é representado com grande simpatia por Xenofonte³⁵. A propagação dessa imagem de um Terâmenes moderado e legalista teve início pouco depois de sua morte, como atesta Lísias (12.64). Uma vez que meu interesse é sugerir outra leitura, vou me deter apenas nos pontos desse discurso que me parecem problemáticos.

Como bem já analisou DILLERY³⁶, a narrativa de ascensão e queda dos Trinta Tiranos nas *Helênicas* observa uma coerência interna e é um paradigma que orienta também o entendimento da subsequente derrocada espartana na política grega; trata-se de um relato programático de regime injusto que se destrói a si mesmo por falta de autocontrole e, talvez por isso, os seus atores ganhem um ar às vezes caricatural. Nessa organização narrativa, Terâmenes faz o mesmo papel que Euríptólemo havia feito quando do julgamento dos

³⁵ Uma exceção é BEARZOT (2013) 121: “si osservi che Senofonte non crede, in realtà, a questa immagine moderata di Teramene, come non vi aveva creduto Tucídide: il problema di Teramene non è realizzare un governo moderato, ma ‘mantenere l’oligarchia’”.

³⁶ (1995) 146-163.

generais de Arginusas: este buscou em vão esclarecer para o povo as condições pelas quais o resgate não havia ocorrido e os motivos pelos quais eles deveriam permitir julgamentos individuais aos generais; aquele em vão tentou persuadir Crítias que os meios de manutenção do poder oligárquico não eram a violência exacerbada e o controle, que apenas davam origem a um número maior de oponentes. Os dois estavam certos; a diferença é que Euríptólemo organiza seu discurso em torno da obediência às leis e da justiça. Por comparação, me parece haver pouco no discurso de Terâmenes que seja mais do que a visão de um conhecedor da *Realpolitik* grega³⁷.

Crítias afirma na sua acusação (2.3.32) que o próprio Terâmenes havia falhado em Arginusas e que, para se salvar, acusou os generais. Ainda que se deva considerar esse relato dentro de um contexto persecutório, se trata de um registro claro de que ao menos parte dos atenienses via Terâmenes como um dos responsáveis pela decisão injusta de executar os generais. Ele responde que os generais acusaram a si mesmos quando sugeriram que, na verdade, teria sido possível resgatar os homens, apesar da tempestade (1.3.32). O leitor que tenha lido o livro I das *Helênicas*, porém, sabe que ele não é inocente como alega ser. A única conclusão a se tirar dessa fala é que Terâmenes mente. E de forma persuasiva. Talvez ele faça o mesmo quando defende que a instituição da oligarquia em 411 a. C foi feita pelo próprio povo porque os espartanos não negociariam o fim da guerra com os democratas³⁸, já que esse motivo não consta entre aqueles relatados por Tucídides para o golpe. Terâmenes ainda declara que, uma vez que percebeu que os espartanos mesmo assim não arrefeciam e que os colaboradores queriam entregar a cidade aos inimigos, impediu que isso acontecesse; mas esse discurso soa contraditório e de alguma forma cínico, se visto à luz do testemunho que Tucídides oferece de sua ambição e da crescente oposição democrática que já ameaçava derrubar os 400, bem como do registro xenofontiano da forma inescrupulosa com a qual ele negociou os termos de rendição de Atenas em 404 a. C.

³⁷ O apelo à obediência às leis e à justiça é feito apenas quando Terâmenes é condenado arbitrariamente por Crítias e se refugia como suplicante junto ao altar (2.3.52).

³⁸ Marincola chama a atenção para a discrepância entre a fala de Terâmenes e a narrativa de Tucídides em nota a sua tradução para o inglês das *Helênicas* (2010) 61. Cf. Th., 8.70.

É importante notar também que a ênfase do discurso de Terâmenes é na estratégia de manutenção do regime oligárquico, que ele via ameaçado, não na defesa de um governo moderado e justo. Por três vezes, Crítias afirma que o número de mortes ordenadas pelos Trinta é justificável pela necessidade de eliminar oponentes quando da instituição de um novo regime³⁹; Terâmenes não discorda (2.3.37), mas defende que eles estavam executando homens que a princípio não eram seus opositores e que apoiariam um governo oligárquico que não se voltasse contra eles (2.3.39-40), alertando também para o perigo que colocar todos os estrangeiros da cidade na oposição (2.3.41). Sua argumentação contra o confisco das armas, por sua vez, é baseada antes na importância de Atenas manter-se militarmente forte e ser uma aliada de Esparta do que nos direitos de seus concidadãos.

Onde se encontra a defesa de uma “oligarquia moderada” à qual Xenofonte e outros contemporâneos teriam aderido nesse discurso de defesa? O próprio Terâmenes declara em seu discurso (2.3.48):

Sempre combato os que acreditam que não pode haver uma boa democracia sem participarem do poder escravos e aqueles que, pela falta de um dracma, entregariam sua própria cidade e, por sua vez, sempre me oponho aos que não acreditam que pode haver uma boa oligarquia antes da cidade ser submetida à tirania de uns poucos.

Mesmo onde a fala de Terâmenes aponta para sua atuação como político moderado, ela sugere ambiguidade de um homem que não é capaz de se assumir como oligarca ou democrata e que pode ser os dois. O registro de uma conversa sua com Crítias, em contexto ainda não apologético, parece não deixar dúvidas, porém, de onde residia sua ideologia política e como ele abria mão dela quando necessário (2.3.15): “também eu e você falamos e fizemos muitas coisas para agradar a cidade”, diz Terâmenes, quando defende da execução arbitrária aqueles que eram honrados pelo *demos*, mas que nada haviam feito de mal para os *kaloikagathoi*, sugerindo que a posição democrática poderia ser nada mais do que um disfarce.

³⁹ Cf. 2.3.16; 2.3.24; 2.3.32.

Os escravos nunca participaram do poder em Atenas e não é razoável supor que a ideia existisse como pauta plausível⁴⁰, mas ele também recorre a um dos argumentos mais comuns (até hoje repetido) da falta de legitimidade da escolha popular porque a pobreza obrigaria a uma atuação política movida por interesse próprio. Ora, antes de se tornar voz dissidente entre os Trinta, o que vemos Terâmenes fazer nas *Helênicas* é claramente atuar em interesse próprio e entregar Atenas aos espartanos tendo em vista a obtenção de poder pessoal. O próprio Crítias declara que ele havia sido o primeiro a se aliar a Esparta e a tramar contra a democracia (3.3.28). Para além disso, a tópica da moderação é colocada na boca daquele que é representado por Xenofonte como agente principal na mudança de disposição do povo na decisão extrema de executar os generais da batalha de Arginusas.

É inegável que a representação de Terâmenes como opositor das práticas tirânicas de Crítias é essencialmente positiva nas *Helênicas*. Porém, me interessa chamar atenção para o fato de que, lido de forma não-episódica, seu discurso diante de Crítias não se sustenta como algo completamente reabilitador, porque as manipulações dos fatos são claras e porque seu discurso se centra antes na necessidade de manutenção do regime do que no seu caráter violento e injusto. Talvez Xenofonte tenha reservado a Terâmenes essa posição ambígua porque ele, pelo menos, buscou pôr fim à *stasis* ao alertar Crítias que a violência do regime não eliminaria os seus oponentes, mas, ao contrário, daria origem a um maior número deles. É possível também que isso reflita na curiosa intervenção do narrador quando do relato anedótico do momento da morte de Terâmenes. Pouco antes de ser executado, ele fez um comentário jocoso e brindou a Crítias com a cicuta. O narrador então afirma que alguns podem não considerar essa matéria digna de registro, mas que ele próprio julga admirável um homem que não perde a razão nem o senso de humor em tal circunstância (2.3.56)⁴¹.

⁴⁰ Embora essa menção aos escravos possa se referir à libertação dos que participaram na batalha de Arginusas. HUNT (2001) analisa o peso que essa decisão teria tido na impopularidade dos generais.

⁴¹ Para interpretações do comentário de Terâmenes, cf. DILLERY (1995) 156; POWNALL (2012) 9. Entende-se comumente que a atitude de Terâmenes diante da morte o

Há uma frase que se repete no episódio do julgamento dos generais de Arginusas e no relato da perseguição e condenação de Terâmenes. Tanto o povo quanto os tiranos queixam-se de “serem impedidos de fazer o que querem”⁴²; o povo, ao protestar contra os que declaravam a proposta de Calixeno ilegal, os tiranos, quando começaram a considerar que Terâmenes era um empecilho para a sua arbitrariedade. Esse eco ocorre em um momento em que ele já havia deixado de ser o agente principal dos eventos. É importante lembrar, porém, que é ele quem os inicia: Terâmenes é o responsável tanto pela mudança de disposição do povo contra os generais quanto pelo agravamento da situação em Atenas após a derrota na Guerra do Peloponeso, que acabou por contribuir na ascensão dos Trinta.

Não é à toa que o homem das muitas *metabolai* (ora um democrata, ora um dos 400 oligarcas, ora parte da resistência democrática, ora um dos Trinta e, por fim, de novo uma voz dissidente) encontre seu fim pelas mãos do tirano, de quem ele se supunha amigo. Penso que a já mencionada interpretação de Gray (1989) desse episódio como da representação do declínio da amizade entre Terâmenes e Crítias pode ser revista. Segundo essa interpretação, Terâmenes é a vítima da relação rompida e age no papel de amigo de Crítias; antes um paradigma de “misanthropia e ingratidão”, ele passaria a um de “lealdade e constância”, exemplificando que a traição não significa se opor ao que os amigos fazem, mas que isso, pelo contrário, pode ser visto como prova de amizade. Acredito que esse episódio pode também ser entendido como demonstração de que o tirano não tem amigos e isso é não só a sua ruína, mas também a ruína daqueles que acreditam poder se aliar a ele. A privação de amizades é um elemento bem marcado na tópica da tirania, explorado também por Xenofonte no seu diálogo *Hieron*⁴³. Embora Xenofonte aí aborde a questão pela ótica do próprio tirano e do seu *status*, o que se esclarece é que

aproxima de Sócrates, mas a ausência de palavras inegavelmente encomiásticas após o relato da sua morte me faz duvidar que Xenofonte o tivesse em tão alta estima.

⁴² *Hel.* 1.7.12 (τὸ δὲ πλῆθος ἐβόα δεινὸν εἶναι εἰ μὴ τις ἑάσει τὸν δῆμον πράττειν ὃ ἂν βούληται) e 2.3.23 (οἱ δ' ἐμποδῶν νομίζοντες αὐτὸν εἶναι τῷ ποιεῖν ὃ τι βούλοιντο, ἐπιβουλεύουσιν αὐτῷ).

⁴³ *Hier.* 3.1-9. Cf. SEVIERI (2004) e GRAY (1986).

amizade pressupõe alguma reciprocidade e igualdade e o tirano não consegue estabelecer esse tipo de relação sequer com seus familiares.

Terâmenes e as contradições da democracia

É paradoxo cada vez mais reconhecido que a democracia é mais bem preservada quando se tem o entendimento de que ela corre o perigo de deixar de existir, num processo que ASMONTI⁴⁴ define como “um exercício constante de monitoramento da *hybris* do poder”, que se realiza, por um lado, com vigilância e protestos para que as práticas democráticas se tornem cada vez mais amplas e, por outro, com o reconhecimento de que a democracia não é entendida como o melhor regime político por todos os cidadãos.

Embora seja necessário considerar a situação ambígua em que Terâmenes havia se colocado no golpe de 411 a. C., ele continuou a ser uma força política até a sua execução em 404 a. C., talvez porque seu *status* familiar e econômico garantisse seu lugar de influência na cidade, mas também porque “desde a origem, a *pólis* tinha de ser uma sociedade bastante dialética, na qual se esperava que qualquer bom cidadão se envolvesse nos debates”⁴⁵. O caso específico de Terâmenes, porém, é interessante porque ele participou dos dois golpes — há fortes indícios de que teria sido uma peça *sine qua non* para a instituição do regime dos Trinta — e, entre um e outro, foi democraticamente escolhido para representar Atenas quando da sua rendição a Esparta ao fim da Guerra do Peloponeso. Ora, já se sugeriu que as *Helênicas* tinham como propósito inspirar a elite aristocrática da cidade do século IV⁴⁶; mas também os democratas de hoje têm aí o que refletir.

Acredito ser importante destacar, por um lado, as contradições do suposto “Terâmenes moderado e reabilitado” à luz de uma leitura não-episódica das *Helênicas* porque a reafirmação desse retrato positivo, sem qualquer modulação, ajuda a apagar a responsabilidade que o próprio Terâmenes teve na ascensão de um governo violento, ganancioso e arbitrário; que no final ele tenha sido mais um de seus opositores e de suas vítimas, a meu ver, não é algo que possa redimi-lo por completo — e que, de fato, não parece redimi-lo no relato

⁴⁴ (2013) 138.

⁴⁵ Cf. ASMONTI (2010) 288.

⁴⁶ POWNALL (2004).

que Xenofonte faz das suas ações. Por outro lado, conforme nos apontou Tucídides, para que a história ateniense continue a ser um *ktema es aei*, uma “aquisição para a eternidade”, ela deve dar o que pensar à nossa e a futuras gerações. Assim, o relato da trajetória de Terâmenes pode servir de paradigma e alerta àqueles que, desejando obter poder político (ou ver aqueles que lhes são mais próximos ideologicamente no poder) ou, ainda, que sofram da ânsia induzida da salvação da *pólis* a qualquer custo, até mesmo da sua liberdade política, apoiam a atuação, de forma cínica ou utilitarista, dos homens que se movem dentro dos ditames do sistema democrático com a intenção de derrubá-lo.

Referências Bibliográficas

- ALLAN, A. (2013), “‘Thanks, but No Thanks’: Oikêia Kaka and Theramenes’ Failed Dokimasia”: *Ancient History Bulletin* 27, 23-28.
- ALLEN, D. (2003), “Angry bees, Wasps and Jurors: The Symbolic Politics of Orge in Athens”: S. BRAUND, G. MOST (eds.) (2003), *Ancient Anger: Perspectives from Homer to Galen*. Cambridge, Cambridge University Press, 76-98.
- ASMONTI, L. (2006), “The Arginusae trial, the changing role of strategoi and the relationship between demos and military leadership in late-fifth century Athens”: *BICS* 49, 1-21.
- ASMONTI, L. (2010), “What do we mean by crisis? The culture of confrontation in the Greek city”: *Acme* 63.1, 279-293.
- ASMONTI, L. (2013), “‘From Athens to Athens’. Europe, crisis, and democracy: suggestions for a debate”: K. N. DEMETRIOU (ed.) (2013), *Democracy in transition: political participation in the European Union*. Heidelberg, Springer, 135-157.
- AZOULAY, V. (2004), *Xénophon et les grâces du pouvoir: de la charis au charisme*. Paris, Publications de la Sorbonne.
- BALOT, R. (2006), *Greek Political Thought*. Malden, Blackwell.
- BEARZOT, C. (2013), *Come si abbatte una democrazia. Tecniche di colpo di Stato nell’Atene antica*. Roma/Bari, Laterza.
- BEVILCQUA, F. (2018), “Socrates’ Attitude towards Politics in Xenophon and Plato: G. DANZIG, D. JOHNSON, D. MORRISON (eds.) (2018), *Plato and Xenophon: Comparative Studies*. Leiden/Boston: Brill, p. 461-486.
- DANZIG, G. (2014), “The use and abuse of Critias: Conflicting portraits in Plato and Xenophon”: *CQ* 64.2, 507-524.
- DELEBECQUE, É. (1957), *Essai sur la vie de Xénophon*. Paris, Klincksieck.

- DILLERY, J. (1995), *Xenophon and the history of his times*. London/New York, Routledge.
- ENGELS, J. (1993), "Der Michigan-Papyrus über Theramenes und die Ausbildung des 'Theramenes-Mythos'": *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik* 99, 125-155.
- FLOWER, M. (2015), "Implied Characterization and the Meaning of History in Xenophon's *Hellenica*": R. ASH, J. MOSSMAN, F. B. TITCHENER (eds.) (2015), *Fame and Infamy: Essays for Christopher Pelling on Characterization in Greek and Roman Biography and Historiography*. Oxford, Oxford University Press, 110-127.
- GISH, D. (2012), "Defending Dēmokratia: Athenian justice and the trial of the Arginusae generals in Xenophon's *Hellenica*": F. HOBDEEN, C. TUPLIN (eds.) (2012), *Xenophon: Ethical Principles and Historical Enquiry*. Leiden, Brill, 129-167.
- GRAY, V. (1986). "Xenophon's *Hiero* and the Meeting of the Wise Man and Tyrant in Greek Literature": *The Classical Quarterly* 36.1, 115-123.
- GRAY, V. (1989), *The Character of Xenophon's Hellenica*. London, Duckworth.
- GRAY, V. (2004), "Le Socrate de Xénophon et la Démocratie": *Les Études Philosophiques* 2, 141-176.
- HARDING, P. (1974), "The Theramenes Myth": *Phoenix* 28.1, 101-111.
- HARRIS, W. V. (2004), *Restraining Rage: The Ideology of Anger Control in Ancient Antiquity*. Cambridge/London, Harvard University Press.
- HUMBLE, N. (1999), "Sôphrosynê and the Spartans in Xenophon": A. POWELL, S. HODKINSON (eds.) (1999), *Sparta: new perspectives*. London/Swansea, Duckworth, 339-53.
- HUMBLE, N. (2018), "Sparta in Xenophon and Plato": G. DANZIG, D. JOHNSON, D. MORRISON (eds.) (2018), *Plato and Xenophon: Comparative Studies*. Leiden/Boston, Brill, 547-575.
- HUNT, P. (2001), "The Slaves and the Generals of Arginusae", *AJPh* 122.3, 359-380.
- KROEGER, R. (2009), "Xenophon as a critic of Athenian democracy": *History of Political Thought* 30. 2, 197-228.
- LEÃO, D., SEBASTIANI, B. (2020). "Crises e mudanças na democracia ateniense: a atuação de Terâmenes entre oportunismo, legalismo e a 'terceira via'": *Boletim de Estudos Clássicos* 65, 35-55.
- LEE, J. W. I. (2017), "Xenophon and his times": M. FLOWER (ed.) (2017), *Cambridge Companion to Xenophon*. Cambridge/New York, Cambridge University Press, 15-36.

- LOFTUS, A. (2000), "A New Fragment of the Theramenes Papyrus (P. Mich. 5796b)": *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik* 133, 11-20.
- LUCCIONI, J. (1947), *Les idées politiques et sociales de Xenophon*. Paris, Ophrys.
- OBER, J. (1998), *Political Dissent in Democratic Athens: Intellectual critics of popular rule*. Princeton, Princeton University Press.
- OSBORNE, R. (2003) "Changing the Discourse": K. A. MORGAN (ed.) (2003), *Popular Tyranny: Sovereignty and its Discontents in Ancient Greece*. Austin, University of Texas Press, 251-272.
- PINTO, A. V. (2014), *O Livro II das Helênicas de Xenofonte: estudo introdutório, tradução e notas*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da Universidade de São Paulo. São Paulo.
- POWNALL, F. (2004), *Lessons from the Past: The Moral Use of History in Fourth-Century Prose*. Ann Arbor, University of Michigan Press, 2004.
- POWNALL, F. (2012). "Critias in Xenophon's *Hellenica*": *Scripta Classica Israelica* 31, 1-17.
- PRITCHETT, W. K. (1974), *The Greek State at War. Part II*. Berkeley/Los Angeles, University of California Press.
- RANCIÈRE, J. (2014), *O ódio à democracia*. São Paulo, Boitempo.
- ROBERTS, J. (1977), "Arginusae once again": *CW* 71.2, 107-111.
- SAMMONS, L. (2004), *What's wrong with democracy? From Athenian practice to American worship*. Berkeley, University of California Press.
- SANO, L. (2018), "O povo arrependido: Xenofonte e o julgamento dos generais da Batalha de Arginusas": SEBASTIANI, B. B., LEÃO, D. et alii (eds.) (2018), *A Poiesis da Democracia*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 127-152.
- SAUNDERS, T. (1994), *Plato's Penal Code: Tradition, Controversy, and Reform in Greek Penology*. Oxford, Clarendon.
- SEVIERI, R. (2004). "The Imperfect Hero: Xenophon's Hiero as the (Self-)Taming of the Tyrant": C. TUPLIN (ed.) (2004), *Xenophon and his World*. Stuttgart: F. Steiner, 277-288.
- THOMAS, D. (2010). "Compositional Theories of Xenophon's *Hellenica*": R. STRASSLER (ed) (2010), *The Landmark Xenophon's Hellenika*. New York, Anchor Books, 417-419.
- TUPLIN, C. (2017). "Xenophon and Athens", M. FLOWER (ed.) (2017), *Cambridge Companion to Xenophon*. Cambridge/New York, Cambridge University Press, p. 338-359.
- VAN WEES, H. (2004), *Greek Warfare: Myths and Realities*. London, Bristol Classical Press.

Resumo: Terâmenes é peça importante nas *Helênicas* pelo seu envolvimento na condenação dos generais da Batalha das Arginusas e pela sua atuação como parte dos Trinta Tiranos. Este artigo, baseando-se na possibilidade de perceber em Xenofonte um “crítico interno” da democracia ateniense e propondo uma leitura não-episódica, busca analisar Terâmenes como figura que se move de forma influente dentro dos ditames da estrutura democrática, ainda que trabalhando pela sua derrocada, e como paradigma daquele que se pretende amigo do tirano.

Palavras-chave: Xenofonte; *Helênicas*; Democracia; Terâmenes; Atenas.

Resumen: Terámenes es un elemento importante en las *Helénicas* por su implicación en la condena de los generales de la batalla de Arginusas y por su actuación como parte de los Treinta Tiranos. Este artículo, basándose en la posibilidad de apreciar en Jenofonte un “crítico interno” de la democracia ateniense y con una propuesta de lectura no episódica, pretende analizar a Terámenes como una figura que maneja influencias dentro de los consejos de la estructura democrática, pero esforzándose por provocar su caída, y como paradigma del que pretende ser amigo del tirano.

Palabras clave: Jenofonte; *Helénicas*; Democracia; Terámenes; Atenas.

Résumé: *Théramène* est une pièce importante de l'histoire des *Helléniques* pour son implication dans la condamnation des généraux de la bataille d'Arginusas et pour son rôle parmi les Trente Tyrans. Cet article, basé sur la possibilité de percevoir chez Xénophon un "critique interne" de la démocratie athénienne en proposant une lecture non épisodique, cherche à analyser *Théramène*, d'une part, comme une figure qui évolue de manière influente au sein des diktats de la structure démocratique, même s'il travaille à sa perte, et, d'autre part, comme le paradigme de celui qui se prétend l'ami du tyran.

Mots-clés : Xénophon ; *Helléniques* ; Démocratie ; *Théramène* ; Athènes.